O PROJETO PARADESPORTIVO DE SERGIPE E O LEGADO SOCIAL PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

THE PARADESPORTIVO PROJECT OF SERGIPE AND THE SOCIAL LEGACY FOR PEOPLE WITH DISABILITIES

EL PROYECTO PARADESPORTIVO DE SERGIPE Y EL LEGADO SOCIAL PARA LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD

Marcelo de Castro Haiachi
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão, SE, Brasil
haiachi@ufs.br

Roberta Santos Kumakura
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Aracaju, SE, Brasil
kumakura.roberta@gmail.com

Fábio Zoboli
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão, SE, Brasil
zobolito@gmail.com

Ailton Fernando Santana de Oliveira
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão, SE, Brasil
ailtonufs@gmail.com

Resumo. Essa pesquisa tem como objetivo identificar e conhecer as contribuições que o Projeto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), proporciona aos atletas com deficiência. Foram categorizados quatro grandes grupos: prática esportiva (1), visibilidade social e inclusiva (2), superação do corpo deficiente através de aparatos tecnológicos (3), e inclusão pela renda (4), como formas de empoderamento. Para viabilizar o objetivo foi adotado o método de análise qualitativa utilizando-se de uma entrevista semiestruturada, que envolveu cinco atletas que participam do projeto de extensão da UFS há mais de um ano. Como contexto histórico, partimos do princípio que as universidades brasileiras têm como princípio três alicerces (ensino, pesquisa e extensão) como uma abordagem entrelaçada para promover ações que possam impactar as comunidades do seu entorno. Desta forma, os projetos de extensão representam uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento profissional (aprendizagem supervisionada) como também oportunidade de pesquisa e fomento as práticas esportivas nas suas diversas dimensões ou interesses, seja através de Agon (disputas, competições) ou Aratê (identificada com aquilo que permite uma pessoa viver bem ou de modo bem-sucedido). Assim, essas práticas esportivas oferecem oportunidades para adquirir habilidades para a vida e alcançar níveis mais elevados de realização pessoal, tanto como atleta quanto como cidadão mais participativo e responsável. Os resultados encontrados demostraram que os participantes do PPdSE adquiriram melhoras na sua habilidade motora, no tônus muscular, na autoestima e confiança, na melhoria da sociabilidade ampliando sua capacidade de tomar suas próprias decisões.

Palavras-chave: desenvolvimento; realização; empoderamento.

Abstract. This research aims to identify and cognize the contributions of the Sergipe Paralympic Sport Project (PPdSE), which is provide by Federal University of Sergipe (UFS) to athletes with eficiency. Four major groups were categorized, sporting practice (1), social and inclusive visibility (2), overcoming the deficient body through technological apparatuses (3), and inclusion by income (4), as a form of empowerment. In order to achieve this goal, the qualitative analysis method was adopted using a semi-structured interview, which involved five athletes participating in the UFS extension project for over a year. As a historical context, we assume that the Brazilian universities have as principle three alicerces (teaching, research and extension) as an interlaced approach to promote actions that may impact the communities of their environment. In this way, extension projects represent a powerful tool for professional development (supervised learning) as well as an opportunity to research and promote sports practices in their various dimensions or interests, whether through Agon (disputes, competitions) or Aratê (identified as what enables a person to live well or succeed). Therefore, these sports practices offer opportunities to acquire life skills and achieve higher levels of personal achievement, both as an athlete and as a participatory and responsible citizen. The results found that PPdSE participants improved their motor skills, muscle tone, self-esteem and confidence, improved sociability, and improved their ability to take on their own decisions.

Keywords: development; achievement; empowerment.

Reumén. Esta investigación tiene como objetivo identificar y conocer las contribuciones que el Proyecto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE), de la Universidad Federal de Sergipe (UFS) proporciona a los atletas con discapacidad. Se han categorizado cuatro grupos: actividades deportivas (1), visibilidad social y inclusiva (2), superación del cuerpo deficiente a través de aparatos tecnológicos (3), y inclusión pela renta (4), como formas de empodderamiento. Para viabilizar el objetivo se adoptó el método de análisis cualitativo utilizando una entrevista semiestructurada, que involucró a cinco atletas que participan en el proyecto de extensión de la UFS hace más de un año. Como contexto histórico, partimos del principio que las universidades brasileñas tienen como principio tres motivos bases (enseñanza, investigación y extensión) como un abordaje entrelazado para promover acciones que puedan impactar a las

comunidades de su entorno. De esta forma, los proyectos de extensión representan una herramienta poderosa para el desarrollo profesional (aprendizaje supervisado) como también oportunidad de investigación y fomento de las prácticas deportivas en sus diversas dimensiones o intereses, sea a través de Agon (disputas, competiciones) o Aratê (identificada con lo que permite a una persona vivir bien o de manera exitosa). Así, estas prácticas deportivas ofrecen oportunidades para adquirir habilidades para la vida y alcanzar niveles más altos de realización personal, tanto como atleta y como ciudadano más participativo y responsable. Los resultados encontrados demostraron que los participantes del PPdSE adquirieron mejoras en su habilidad motora, en el tono muscular, en la autoestima y confianza, en la mejora de la sociabilidad ampliando su capacidad para tomar sus propias decisiones.

Palabras-clave: desarrollo, realización, empoderamiento.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo descrever as contribuições / legados referentes à prática esportiva (1), ao processo de visibilidade social e inclusiva (2), à superação do corpo deficiente através de aparatos tecnológicos (3) e à inclusão pela renda (4) dos alunos participantes do Projeto Paradesportivo de Sergipe (PPdSE) como uma forma de empoderamento. A relevância do tema se dá pelo desconforto observado tanto na sociedade, de forma geral, quanto na comunidade científica ao lidar com a questão da deficiência, as quais muitas vezes ainda apresentam dificuldades no entendimento e aceitação frente às diferenças. O olhar historicamente carregado de estigmas, preconceitos e discriminação se faz presente pela simples utilização do termo "deficiência".

Para Davis (2010), o problema não está na pessoa com deficiência, mas sim na forma como a normalidade foi concebida em nossa humanização, no sentido de valorizar apenas o grupo considerado homogêneo, constituído de pessoas ditas "normais", baseado em padrões estéticos e produtivos. Quando se fala em deficiente, o que se observa segundo Marques (2001), é uma forte tendência em avaliar a deficiência somente sob o prisma biológico, passando o sujeito a ser tratado como um "doente", uma pessoa fragilizada, sempre necessitada de assistência e por isso, digna de pena. Sendo assim, as pessoas ditas normais reduzem os significados de normalidade e adaptação para os padrões estéticos e de produtividade do corpo. Para Sérgio (2003) continuamos deficientes numa sociedade corroída pela divisão estrutural entre classes. Não há pessoas deficientes, há pessoas diferentes. De educação especial, diz o autor, é bem possível que todos nós precisemos.

O contexto histórico da pessoa com deficiência é mediado por diversas fases que giram em torno de signos e dão sentido para cada período / época dentro de cada grupo, desde os princípios que norteavam a eliminação do deficiente do contexto social – exclusão material ou simbólica – até as fases posteriores de segregação, integração e adaptação rumo a uma participação mais efetiva desta parcela da população na sociedade. Uma sociedade mais humana pautada no acolhimento e no respeito ao diferente e à diferença ainda se mostra em fase de construção.

Durante o período dos conflitos armados (I e II guerras mundiais), devido ao grande número de combatentes lesionados que retornavam aos seus países como heróis nacionais, surge um olhar mais humanizado, ou mais interessado na questão da deficiência. Um momento decisivo em virtude da necessidade de investimentos no processo de reabilitação desses soldados e oficiais de guerra para que pudessem ser reinseridos na sociedade (HAIACHI; KUMAKURA, 2013). A reabilitação vigente na época não preparava seus pacientes para uma vida melhor, independente e com direitos iguais nos mais variados contextos sociais. Sua reinserção na sociedade tinha apenas um aspecto terapêutico e em muitos casos estas pessoas representavam um estorvo para sociedade. Esta nova perspectiva de encarar o deficiente e a deficiência fez com que estes países envolvidos com os conflitos armados, que não sabiam que estratégias utilizar para reabilitar estes indivíduos (os pacientes lesionados) investisse em programas de reabilitação para cuidar da sua população com deficiência (LEGG et al., 2004).

A utilização da prática esportiva como uma ferramenta de reabilitação abre a possibilidade de modificar a preocupação médico-terapêutica pela busca de uma maior independência nas suas atividades diárias e na sua vida social. Esta maior independência associada à prática esportiva extrapola seu papel inicial de promover apenas benefícios físicos e sociais e passa a afetar diretamente a vida das pessoas com deficiência (LABRONICI et al., 2000). Ao possibilitar sua reinserção na sociedade através do desenvolvimento das suas potencialidades, a limitação e a incapacidade passam a dar espaço para a funcionalidade. Desta forma, o esporte pode ser entendido como um importante evento no curso de vida da pessoa com deficiência ao possibilitar, a partir do seu envolvimento, mudanças estruturais de subsistência (HAIACHI, 2017).

Ao ser responsável pela construção do seu próprio caminho em função das oportunidades conquistadas de conviver de forma mais igualitária perante a sociedade e ter a liberdade para utilizar ao máximo suas

potencialidades, abre-se um novo caminho para expressão da sua eficiência, escondida muitas vezes por trás da deficiência (GUTIERREZ, 1990; CAMPEÃO, 2011). Este recente empoderamento em nível de sociedade, de grupo e individual tem nos moderadores – idade de início da deficiência, gênero e tipo de deficiência – e nos mediadores – metas de realização, identidade, autoeficácia, clima motivacional, identidade de grupo, eficácia coletiva e o contexto cultural – seus pilares estruturantes. Por estes motivos o esporte pode servir de propósito para este empoderamento (PENSGAARD; SORENSEN, 2002).

Assim, observamos que a prática esportiva, passa a ser utilizada como meio de auxílio às pessoas com deficiência, em busca de sua readaptação na sociedade, pelos diversos benefícios produzidos no campo biopsicossocial passando a ser um legado social na vida do deficiente. Esse legado social, aqui é entendido como um conjunto de mudanças estimuladas por práticas esportivas pedagogicamente bem orientadas, que contribuem de modo fundamental para readaptação da sociabilidade do deficiente, seja nos aspectos de saúde (reabilitação motora, uso de medicamento, mobilidade); da sociabilidade (autoestima, autoconfiança, interação); do acesso à tecnologia (cadeiras esportivas, órteses e próteses) e dos aspectos financeiro (emprego, renda).

Frente ao acima exposto o presente texto objetivou tencionar algumas questões dos legados sociais acima descritos tendo como foco pessoas deficientes participantes do PPdSE, que está vinculado ao Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) enquanto um projeto de extensão. Para atingir tal fim o texto foi organizado em 4 partes: Num primeiro momento apresentamos o PPdSE bem como aspectos que justificam o esporte como ferramenta pedagógica para o trato com a deficiência. Na segunda parte do escrito fundamentamos teoricamente os legados estruturantes que guiaram o estudo: 1. a prática esportiva, 2. o processo de visibilidade social e inclusivo, 3. a superação do corpo deficiente através de aparatos tecnológicos e 4. a inclusão pela renda. Na terceira seção do escrito os procedimentos metodológicos da pesquisa são descritas para na quarta e última parte do artigo apresentarmos e analisarmos os dados empíricos de do estudo.

O PROJETO PARADESPORTIVO DE SERGIPE

O papel de retornar à sociedade os conhecimentos desenvolvidos e produzidos pela universidade no Brasil foi estabelecido a partir do tripé ensino, pesquisa e extensão. A UFS, localizada no município de São Cristóvão, no estado de Sergipe, foi criada em 1975 e tem no DEF um alicerce seguro para viabilizar ações de extensão, com a utilização de atividades físicas e esportivas. O retorno do conhecimento produzido entre docentes, discentes e comunidade através da vivência prática (campo de estágio) qualifica a formação acadêmica dos futuros profissionais.

O DEF tem como tradição, desde 1985, promover ações de extensão para crianças, jovens, idosos, cardiopatas e obesos através da utilização das suas instalações esportivas, seus profissionais e acadêmicos. Um olhar diferenciado em relação à pessoa com deficiência surge com a efetivação das disciplinas "Atividade Física Adaptada e Educação Física" e "Educação Física, Adaptação e Inclusão", em 2009. Mas como trabalhar a mudança de comportamento e a quebra de paradigmas sem ter vivenciado esta realidade? Neste sentido, alguns professores do DEF/UFS, aproveitando o momento de discussão sobre o processo de cotas para pessoas com deficiência em 2010, por intermédio da resolução nº80/2008/Conselho do Ensino, Pesquisa e Extensão da UFS, formaliza em 2013 uma parceria com o Ministério do Esporte, tendo como objetivo a implantação de um projeto multidisciplinar para atender pessoas com algum tipo de limitação motora, sensorial ou intelectual. O PPdSE surge como oportunidade ímpar de aproveitar, de forma multidisciplinar, áreas importantes para o desenvolvimento de pessoas com deficiência: educação física, nutrição, fisioterapia, medicina, psicologia, serviço social, administração, jornalismo, engenharia, direito, dentre outras.

Assim, a concretização do projeto passa a preencher uma lacuna fundamental para a democratização do acesso da pessoa com deficiência à prática esportiva no Estado de Sergipe, população que está estimada em 25% da população total do estado, de acordo com o censo do IBGE de 2010 (IBGE, 2012). É a garantia do preceito constitucional do direito à prática esportiva, o que lhe é negado pela omissão dos gestores públicos em promover ações no Estado que contemplem esta parcela da sociedade.

LEGADOS ESTRUTURANTES

A prática corporal esportiva

O esporte para pessoas com deficiência teve na reabilitação um grande aliado. Em 1948, com a criação dos Jogos de Stoke Mandeville, na Inglaterra, Ludwig Guttmann encontrou uma forma de reabilitar os militares lesionados pelos conflitos armados. Ao recuperá-los para atividades de trabalho desperta o interesse de outros países em adotar este tratamento já que estas pessoas tinham um tempo curto de vida após a aquisição da lesão, no máximo 03 anos (LEGG et al., 2004). Esta iniciativa pioneira culminou com a criação do segundo maior evento multiesportivo, os Jogos Paraolímpicos, que iniciaram em 1960, em Roma. Desde então, já foram realizadas 15 edições dos jogos que, a cada ciclo de quatro anos, mostram ao mundo a eficiência por trás da deficiência (COSTA; SOUSA, 2004). Os valores de determinação, coragem, igualdade e inspiração difundida através dos jogos servem para mostrar à sociedade a excelência esportiva servindo de inspiração para pessoas com e sem deficiência. Mais do que resultados, o movimento paraolímpico tem como missão criar condições de empoderamento para os atletas com deficiência, através do seu envolvimento com o esporte e das oportunidades conquistadas de promover seu desenvolvimento enquanto pessoa.

O legado social entendido como a aquisição de benefícios biopsicossociais de médio e longo prazo, proporcionados pela prática esportiva, de forma a contribuir na readaptação ou na sociabilidade do sujeito praticante, é o que a comunidade científica denomina de inclusão social.

Entre os benefícios que esta prática esportiva pode proporcionar ou contribuir para o sujeito praticante, quatro aspectos podem ser considerados fundamentais: 1. a prática corporal esportiva; 2. o processo de visibilidade social e inclusivo; 3. a superação do corpo deficiente através de aparatos tecnológicos; e 4. a inclusão pela renda.

Importante perceber que o advento do esporte adaptado ocorreu após a I Guerra Mundial, devido à necessidade de reinserção na sociedade de pessoas deficientes, em sua grande maioria, vítimas de conflitos armados. Neste sentido, Araújo (1997) aponta que:

> O trabalho de reabilitação buscou no esporte não só o valor terapêutico, mas o poder de suscitar novas possibilidades, o que resultou em maior interação das pessoas. Através do esporte "reabilitação" estava devolvendo à comunidade um deficiente, capaz de ser "eficiente" pelo menos no esporte (p. 7).

Outra corrente, vinda dos Estados Unidos, utilizava o enfoque esportivo como forma de inserção social, dando a conotação mais competitiva. Essas correntes, no decorrer da história, cruzam-se em prol de objetivos comuns, saindo do componente médico-terapêutico para o esporte de rendimento, procurando a integração entre o atleta e a sua reabilitação social, como afirma Varela (1989).

O processo de reabilitação tem a finalidade de proporcionar à pessoa deficiente maior independência nas suas atividades diárias e na sua vida social. Conforme Pereira (2009), quando abordamos o termo reabilitação de pessoas com deficiência, a intencionalidade tanto pode ser direcionada à restauração de funções quanto pode vincular-se ao processo de participação social da pessoa com deficiência.

A prática corporal como promotora de saúde é algo que caminha por uma linha tênue já que pode causar malefícios a quem a pratica. Esses malefícios são oriundos do excesso do treinamento; de práticas mal orientadas por profissionais da área; por uso inapropriado de substâncias químicas/fármacos que podem deixar efeitos colaterais maléficos ao corpo, dentre outros.

Nesta perspectiva de esporte podemos visualizar algumas consequências sob as quais está manipulação indevida (doping) pode inferir. Quando falamos de Arete, a busca pela excelência coloca os limites à prova e nessa hora o atleta pode buscar auxilio em meios ilícitos, colocando assim em questão os valores da unidade do esporte. "Os grandes atletas não são grandes porque mudam as regras dos eventos no qual se destacam. Não, eles tentam alcançar – e às vezes alterar – os limites do que é possível dentro de um conjunto estável de regras e registros de recordes" (GUMBRECHT, 2007, p. 52). Por isso instituições esportivas ficam muito preocupadas com a manutenção das regras e com a proibição de substancias ilícitas a fim de não desconfigurar esses elementos do esporte. O uso de esteroides, por exemplo, num atleta de 100 metros que bateu um recorde é perturbador na medida em que esse recorde não pode ser comparado a recordes anteriores por conta da alteração nas formas de conquista do mesmo.

Segundo Cidade e Freitas (2002, p. 21) foi Ludwig Guttmann quem "introduziu um aspecto particular na sua filosofia, o que eventualmente afetou a vida de muitas pessoas com deficiência no mundo todo e não somente em seus pacientes no hospital: o esporte como componente do programa de tratamento e reabilitação". Ainda pegando esses autores como base o Dr. Guttmann "iniciou o que se tornaria o

desencadeador da prática regular da atividade física entre os deficientes como processo de reabilitação: os eventos esportivos" (CIDADE; FREITAS, 2002, p.22).

A prática corporal de uma atividade física está imbricada à integração do deficiente no meio social, e ela então nos direciona ao segundo eixo de discussão do legado, o processo de visibilidade social e inclusivo. No processo de integração do deficiente é necessário que tanto a sociedade como o próprio deficiente estejam adaptados para o convivo social. Segundo Sassaki (1997), a integração social tem consistido no esforço de inserir na sociedade pessoas com deficiência que alcançaram um nível de competência compatível com os padrões sociais vigentes. A integração tinha e tem o mérito de inserir a pessoa com deficiência na sociedade, sim, mas desde que ele esteja de alguma forma capacitada a superar essas barreiras físicas, programáticas e atitudinais nela existentes.

Processo de visibilidade social e inclusivo

Permitir que os deficientes físicos, intelectuais e sensoriais se envolvam com atividades de cunho esportivo é a base fundante do discurso que a inclusão fomenta para justificar a importância social – e por consequência política – de tais Jogos. De acordo com Gonçalves; Albino e Vaz (2009), refletir sobre o contexto da inclusão significa percorrer campos distintos, entre eles certamente o esporte, que de certa forma também acolhe os excluídos. Portanto, é cada vez mais marcante o apelo do caráter inclusivo do esporte para pessoas com deficiência vivenciado por aqueles que não se encontram nos moldes de normalidade ou excepcionalidade positiva.

Sendo assim, o princípio inclusivo precisa trabalhar no entendimento que a diferença e a igualdade são volúveis na medida em que podem se movimentar tanto para excluir como para incluir. Sendo assim Boaventura de Souza Santos (2002): "Temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza".

Segundo Skliar (2006):

> a meu ver, as diferenças não podem ser apresentadas nem descritas em termos de melhor e/ou pior, bem e/ou mal, superior e/ou inferior, positivas e/ou negativas, maioria e/ou minoria etc. São simplesmente – porém não simplificadamente –, diferenças. Mas, o fato de traduzir algumas dessas diferenças como "diferentes" – e já não simplesmente como diferenças – volta a posicionar essas marcas, essa identidade, esse "ser diferença" como contrárias, como opostas e negativas à ideia de "norma", do "normal" e, então, daquilo que é pensado e fabricado como "correto", o "positivo", o "melhor" etc (p.23).

Os valores da inclusão estão pautados no contexto do reconhecimento da diferença e no respeito a ela. Respeito este que só brota do conhecimento das diferenças através do conviver – "viver-com" –, da abertura, da relação, do relacionar-se. A essência da inclusão:

> Reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a preciosidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante (TRINDADE, 2002, p.87).

A inclusão do diferente precisa ser um desafio constante no contexto esportivo, não se trata apenas de aceitar um diferente em nosso meio. Esta, segundo Forest e Pearpoint (1997), é a menor parte do quebra-cabeça. Para estes autores:

> Inclusão trata, sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade (...) inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferença com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica é a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo

> (...) inclusão é reconstruir nossos corações e nos dar as ferramentas que permitam a sobrevivência da humanidade como uma família global (p.138).

A partir do exposto vale questionar o caráter de inclusão social que o esporte adaptado alega assumir. Como o esporte que busca legitimidade pelo viés da inclusão pode considerar-se inclusivo se está pautado na lei do mais forte? Ou seja, o esporte fica preso a um paradoxo, pois está em conflito com a lógica que lhe é propagada, desta forma também acontece com o esporte adaptado, no qual vigora a máxima da performance e consequentemente da exclusão. Desta maneira, fica claro que a finalidade não é romper com o esporte, mas aproximar-se dele, pois o que assemelha o esporte convencional do esporte adaptado são os jogos de exclusão no que diz respeito à sobrevivência dos mais fortes e aptos, ou seja, apesar do esporte adaptado se apresentar para o deficiente, sempre vence o que entre os deficientes é o mais eficiente (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009).

> Assim como no esporte convencional, no paradesporto também é vitorioso somente o mais veloz, o mais forte, o mais ágil. A diferença é que velocidade, força e agilidade aparecem entre próteses, vendas nos olhos e outras adaptações estruturais (p. 161-162).

> O esporte, especialmente o de alto rendimento, carrega consigo a característica da exclusão fruto de um mecanismo competitivo que ressalta a vitória, deixando para trás inúmeros atletas com seus corpos "quase fortes", "quase velozes": seres à margem, distantes do ponto mais alto do pódio (GOELLNER e SILVA, 2012, p.192-193).

De acordo com Gonçalves; Albino e Vaz (2009), o esporte convencional não depende do esporte adaptado para obter seu reconhecimento, o mesmo não ocorre com este último, já que sua existência só é possível porque o esporte convencional se projeta como um fenômeno social de grande relevância.

O esporte adaptado reproduz o esporte convencional: vence o melhor, as competições adotam a mesma sistematização, é necessária superação diária, muita disciplina, treinamento, e rigor técnico. Desta forma "o paradesporto não tem o objetivo de romper com a estrutura desportiva, pelo contrário, quanto mais próxima, maior sua legitimidade" (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009, p.159). Prova disso é que todas as modalidades são adaptadas com exceção do goalball que é uma modalidade que se originou da própria cultura das manifestações corporais dos cegos.

Assim, adaptam-se regras, os modos de execução dos fundamentos e dentre outros, a partir do que é hegemônico, desta forma tenta-se adequar o inadequado. De tal modo tudo fica parecido, tudo fica igual, com os mesmos valores, as mesmas crenças. Será que não dá para se criar formas esportivas diferentes para que seja contemplada a própria diferença humana?

> Advogar a adaptação significa, em última análise, defender a hegemonia de um corpo de conhecimentos sobre o outro [...] Essa conduta serve muito mais para perpetuar os conhecimentos sobre os esportes e as mazelas daí decorrentes do que para explicitar o princípio da diferença e da desigualdade na tentativa de buscar novos conhecimentos buscando a superação deste quadro social segregado em que vivem os deficientes (CARMO, 2006, p.55).

Acreditamos estar numa fase transitória no que se apresenta em termos de inclusão e esporte adaptado. Em breve, esperamos que seja comum o participar partilhado dessas práticas esportivas onde não haja barreiras de inserção, até porque acreditamos que a tecnologia vai cada vez mais potencializar o humano no sentido de deixá-lo menos a mercê de suas fragilidades oriundas de sua limitação, de sua fraqueza e precariedade frente à vida. Ou seja, acreditamos que a translação a permear o contexto dos corpos cada vez mais estarão ligadas às metamorfoses biotecnológicas que visam sua potencialização nos mais diversos âmbitos/segmentos da vida. Porém, tal como a inclusão, é um modelo ainda a ser aculturado. Ambas precisam superar seus condicionantes históricos.

Superação do corpo deficiente através de aparatos tecnológicos

Uma das principais características, ou talvez, a principal característica da contemporaneidade é a incorporação de tecnologias nas mais variadas facetas de nossas vidas, nos mais diversos níveis e graus. O uso de tecnologias tornou-se recorrente, sendo um forte meio de relação entre nós humanos com mundo.

Neste sentido, os aparatos tecnológicos não só vêm transformando o nosso cotidiano, mas também a nós mesmos naquilo que talvez (ainda?) temos de mais "natural": nosso corpo.

"Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, 'artificiais'. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos" (SILVA, 2009, p.11).

O esporte – ou o esporte adaptado – como fenômenos sociais não ficam imunes a estas questões e são atravessados abruptamente por elas como bem nos descreve Triviño (2012):

> En cualquier caso, el deporte no está al margen de los avances tecnológicos mejoradores de las capacidades fisiológicas; no quedará inmune a estos futuros cambios engendrados por la tecnología, por muy vagos e inconcretos que nos puedan parecer en el presente, sino que además muy probablemente será una de las esferas sociales en las que esas transformaciones sobre el cuerpo humano serán experimentadas por primera vez (p.5).

A incorporação de tecnologias presente no meio esportivo vem cada vez mais recebendo importância no desenvolvimento dos atletas que visam um avanço técnico ou físico para melhorar suas performances rumo à superação de limites e quebra de recordes.

Entendemos, pois, a tecnologia como um elemento intensificador do corpo, gerador de um devir, compreendida como uma alteradora no plano da intensidade, e não no plano da identidade (BARTOLO, 2007). Neste sentido, de antemão, queremos deixar bem claro que o artefato técnico fundido com o biológico, não faz com que o corpo deixe de ser corpo, ou com que o humano deixe de ser humano, mas sim que ele intensifica/potencializa esse corpo/humano, fazendo parte do mesmo por um processo de *corporização*.

No que tange ao esporte convencional / esporte adaptado, Triviño (2012) menciona que são três os tipos de modificações melhoradoras causadas pelo avanço tecnológico que podem experimentar os desportistas no presente ou num futuro não muito distante, são elas: 1) melhoramento por dopagem genética que pode se caracterizar de duas maneiras: a) por intervenções somáticas, e; b) por modificações genéticas em linha germinal; 2) modificações melhoradoras feitas a partir de implantes no corpo que converteriam os atletas em ciborgues, e; 3) melhoramentos oriundos da criação de seres híbridos e quimeras.

Qual a fronteira entre um tratamento terapêutico e um tratamento melhorador? Como estabelecer critérios de demarcação desses dois campos que muito se aproximam? Qual o limite para uma melhora transumana? Que decisões tomará o esporte frente às melhoras transumanas que podemos visualizar frente aos avanços tecnológicos? Quais os critérios para se distinguir um efeito terapêutico melhorador de um efeito transumano?

O esporte ao mesmo tempo em que exige a máxima e o aumento constante da *performance* – pautado na quebra dos limites "naturais" do corpo humano – opera paradoxalmente com uma ontologia tradicional de ser humano que freia seu próprio adágio. Essa ontologia possui no seu âmago a ideia de que este corpo ao ser modificado pelo uso das tecnologias fica descaracterizado de sua condição humana, ou seja, ele passa a ser visto como uma entidade "transumana". Isto implica afirmar que o esporte na modernidade é atravessado por uma tentativa de ética universalista ou até mesmo fundamentalista que parece estar muito distante das características tecnológicas que fundam a constituição desses atletas.

Desta forma, o corpo atravessado pela tecnologia no âmbito esportivo precisa ser visto sob o viés epistemológico de outras estruturas relacionais para além daquelas que até agora a enxergaram. É nesse ponto que o pós-estruturalismo oferece uma nova saída. A saída da proliferação das diferenças, a proliferação de versões sobre a estrutura. Os regulamentos axiológicos que regem o esporte pautados teórico e metodologicamente no estruturalismo buscaram organizar a realidade formada pelas relações entre os viventes segundo seus respectivos sistemas categoriais cujas bases estão fixadas na epistemologia e na metafísica ocidentais. Já o pós-estruturalismo, enquanto corrente teórico-metodológica, defende que os modelos mentais devem se transformar em função dos devires apresentado pelos viventes.

Inclusão pela renda

A prática esportiva bem orientada possibilita a melhoria das condições de vida, através do fortalecimento muscular melhorando as habilidades motoras, as condições de adaptações fisiológicas, a mobilidade, a confiança, a autoestima, a interação, etc., contribuindo assim para sua sociabilidade.

A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho é um desafio, e apresenta-se como obrigatório no Brasil a partir da Lei de Cotas (art. 93 da Lei nº 8.213/91) que estabelece a obrigatoriedade em empresas com cem ou mais empregados preencham uma parcela de seus cargos com pessoas com deficiência. Essa parcela alterasse de acordo com a quantidade total de funcionários, sendo no mínimo de 2% e no máximo de 5%, para organizações a partir de mil funcionários.

A participação do deficiente no mercado de trabalho tem uma série de impactos tanto do ponto de vista social quanto econômico. Afinal exercer um trabalho laboral remunerado e sentir-se útil, representa muito para sua autoestima e cidadania. Trata-se de um caminho para a independência e a construção de uma autoestima mais saudável, o que favorece todo o processo de sociabilidade desses indivíduos, inclusive em outros ambientes. Soma-se a esse fator que a troca de experiência que ocorre entre os deficientes e outros empregados da empresa contribui para a desmistificação e diminuição dos preconceitos existentes.

Porém, muitas vezes esses deficientes, não apresentam condições de saúde, seja nos aspectos biológicos ou psicológicos, para o exercício da atividade e o relacionamento entre os diferentes. Nesse sentido, a pratica esportiva bem orientada como apresentamos, contribui para uma melhor qualidade e estilo de vida ativo, o que possibilita que o deficiente possa sair do seu isolamento e adentrar no mundo do trabalho, seja em busca de emprego ou tornando atleta profissional, passando a ser um cidadão produtivo e financeiramente independente, assume-se como novo grupo de consumidores, até então excluído da economia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa que teve como campo empírico o PPdSE. Como instrumento para a coleta de informações, foi utilizado a entrevista semiestruturada, de forma a possibilitar o acesso às experiências, às interações e aos benefícios em seu contexto natural, abrindo espaço para as particularidades dos entrevistados em relação ao legado social, construído a partir da sua participação no projeto.

Os sujeitos do estudo foram os deficientes que participam do PPdSE. Os mesmos foram selecionados a partir dos seguintes critérios: participação mínima de 12 meses no PPdSE, ter domínio cognitivo para compreensão das questões a serem desenvolvidas e capacidade de comunicação para se expressar através da linguagem oral. Dessa forma, participaram da pesquisa seis alunos (três mulheres e três homens) com deficiência motora, com idade entre 14 e 46 anos, praticantes de parabadminton. Apenas um dos entrevistados tinha a idade inferior a 18 anos, situação na qual foi solicitado o consentimento do responsável para a participação na pesquisa. As características dos sujeitos, todos com deficiência motora, estão descritas na Tabela 1.

Tabela 1. Características dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos	Idade	Sexo	Naturalidade	Residência	Forma	Causa	Tempo no projeto
1	26	F	São Cristóvão	São Cristóvão	adquirido	perda da locomoção aos 12 anos por raquitismo hipofostatêmico em função de medicação errada	24 meses
2	37	F	Lagarto	Aracaju	adquirido	poliomielite aos 09 meses de idade	36 meses
3	14	M	Aracaju	Aracaju	adquirido	tumor paravertebral aos 10 anos	30 meses
4	41	F	Capela	Aracaju	adquirido	poliomielite aos 18 meses de idade	36 meses
5	46	M	Altônia – PR	Aracaju	adquirido	acidente de trabalho aos 18 anos	12 meses

6	22	M	Aracaju	Aracaju	congênito	12 meses

Fonte: autores.

As entrevistas foram realizadas no Ginásio de Esportes do DEF/UFS, após a autorização do coordenador do projeto e o consentimento livre e esclarecido dos participantes. Todos os aspectos éticos para pesquisa em seres humanos foram cumpridos, visando minimizar os riscos de desconforto, constrangimentos ou alguma situação de estresse emocional em decorrência dos relatos referentes à sua trajetória esportiva ou de vida.

Para a análise dos dados foi adotada a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Foram reunidas todas as informações obtidas para interpretação e realizada a codificação das entrevistas a partir da criação, a priori, das seguintes categorias: a) perfil dos sujeitos, b) aspectos de saúde, c) ambiente esportivo, d) sociabilidade, e) acesso à tecnologia e f) aspecto financeiro. As análises foram realizadas a partir das relações e nexos entre deficiência, esporte e o legado social para os alunos participantes do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maioria dos entrevistados (83,33%) reside na capital do estado de Sergipe, Aracaju, tendo um atleta morador do município de São Cristóvão. Os entrevistados 2, 4 e 5 passaram por uma mobilidade de residência. A necessidade desta mudança de localidade deve-se à dificuldade de locomoção e à necessidade de um melhor atendimento, principalmente em relação à reabilitação: "como eu vinha do interior minha mãe não tinha muito acesso à capital, não era muito fácil para ela, principalmente em relação à locomoção" entrevistado 2.

As causas da deficiência ainda estão associadas aos erros médicos, ao surto de poliomielite presente no país na década de 1970 e a acidentes de trabalho. No caso do entrevistado 2, uma situação delicada, a questão religiosa, traz à tona uma realidade muito comum no interior do país, onde as matriarcas das famílias se colocam à frente das principais decisões. Neste caso, "minha avó me prendeu e não deixou minha mãe me vacinar", esta decisão trouxe consequências marcantes na vida do entrevistado.

Os entrevistados 2, 3, 5 e 6 recebem o benefício do Governo Federal, seja este de prestação continuada ou lei orgânica de assistência social. Este benefício possibilita que estas pessoas tenham uma renda mínima para prover sua subsistência, já que, em alguns casos, sua deficiência motora inviabiliza a atividade laboral. Já os entrevistados 1 e 4 foram aposentados por invalidez, termo que traz muito desconforto, porque remete a um estado de incapacidade. No entanto, apesar do termo pejorativo, este recurso viabiliza o sustento dos mesmos.

Em relação ao nível de instrução, os entrevistados 1, 2 e 4, todos do sexo feminino, possuem nível superior incompleto em áreas distintas: Letras - português/espanhol, Comunicação Social - habilitação em jornalismo e Educação Física - bacharelado. Este fato possibilita uma perspectiva de futuro, já que em breve estes indivíduos terão condições de se colocar de forma mais qualificada no mercado de trabalho. O entrevistado 1 relata a possibilidade de futuramente ingressar no jornalismo esportivo "...como já faço curso de jornalismo, o projeto auxiliou na escolha do caminho a seguir na profissão porque eu sempre gostei de esporte e para mim, depois da deficiência, parecia ser algo impossível. Penso agora no jornalismo esportivo". Já o entrevistado 2 afirma:

> eu quero me formar, poder sair aqui da UFS e trabalhar, o que eu sonhava muito, eu chorava muito, ai meu Deus eu vou morrer, eu sou a única pessoa que não trabalha, não faço nada, não sei para que sirvo. Eu sonho em trabalhar, nem que seja para mim mesma.

Em contrapartida, o entrevistado 4 lembra que sempre foi assistente de professor, ficando à parte das aulas, sem participar efetivamente e queria sair dessa condição:

> queria ser professora de educação física [...] quando cheguei na universidade, parecia que a cena iria ser a mesma. Tive essa sensação de que eu ia continuar assistindo às aulas [...] eu tenho uma limitação, mas até certo ponto eu posso ir. Eu vou me tornar uma profissional para trabalhar com pessoas no segmento da deficiência que é o que eu quero [...] que mais pessoas olhem o nosso potencial.

A constituição da própria família se mostra um desafio. Apenas os entrevistados 2 e 5 são casados, o restante dos entrevistados ainda moram com os familiares. A superproteção da família é muito presente e, em muitos casos, impede o desenvolvimento do indivíduo. O entrevistado 2 reforça a necessidade de "tirar os deficientes de casa, que ficam sem perspectivas, sem fazer nada, com medo que aconteça alguma coisa". Em contrapartida, o entrevistado 4 reforça a dificuldade de sair desta condição, mas relata que hoje, depois do seu envolvimento com o esporte, consegue obter recursos para desenvolver suas atividades esportivas, bolsa atleta universitária e municipal que, somadas a sua aposentadoria "me ajuda a manter a minha família".

Aspectos de saúde

Pensgaard e Sorensen (2002) afirmam que um programa sistemático de treinamento pode vir a facilitar indivíduos fisicamente, intelectualmente e emocionalmente nas suas relações sociais. Tal afirmação pode ser ratificada no PPdSE, quando após, pelo menos, 12 meses de participação, os entrevistados relataram que os benefícios que o projeto proporcionou foram muito além dos aspectos físicos, conferindo melhor qualidade de vida aos mesmos. O entrevistado 2 admite:

> principalmente na perda do peso e contribuiu para minha autoestima. Eu era uma pessoa muito deprimida, chorava muito, andava só com a cabeça baixa. Hoje eu confesso que eu choro, não muito, não como antes. Agora acordo com uma disposição tremenda.

A prática esportiva no PPdSE também foi capaz de dar mais autonomia aos participantes, tornando-os mais independentes, como afirma o entrevistado 3:

> melhorou minha mobilidade porque eu ganhei mais tônus para tocar a cadeira. As pessoas tinham que empurrar quando eu saía. Agora, depois do projeto, eu vou para quase todos os lugares sozinho. Antes eu não me mexia, agora, ao contrário, não paro de tocar a cadeira.

Os entrevistados também relataram que participar do PPdSE auxiliou também na aceitação da própria deficiência "O projeto contribuiu muito. Eu tinha muita vergonha de mim, não saía nas ruas, me escondia, não usava uma bermuda, não usava vestido, eu ficava me colocando para baixo. Hoje eu já me aceito." (entrevistado 2); de encorajar "me deu mais coragem, confiança e autoestima" (entrevistado 3); e criar novas oportunidades, "antes eu reclamava muito da minha deficiência e hoje, eu agradeço porque eu sou deficiente, porque a minha deficiência me levou a lugares que talvez se eu não a tivesse, eu nunca teria ido, então apesar da minha limitação física isso não vai me impedir de nada" (entrevistado 4).

Ao serem questionados sobre o motivo de terem procurado o PPdSE, todos relataram a necessidade de manter-se ativo para a manutenção da saúde física, seja por indicação médica, como o entrevistado 3, "O médico do posto de saúde orientou que eu procurasse uma atividade física", ou pela dificuldade em manter um acompanhamento fisioterápico, como o entrevistado 1 que relatou a "necessidade de movimentar o corpo e melhorar minha condição física. Já que não estava mais fazendo fisioterapia, a participação no projeto poderia auxiliar para não aumentar a atrofia, melhorando meus movimentos". Já o entrevistado 5, que já praticava outras modalidades, afirmou querer "conhecer uma nova modalidade". No caso do entrevistado 6, além da nova modalidade, a equipe multidisciplinar de profissionais atuantes no PPdSE também influenciou, despertando o interesse em participar do projeto.

Praticar diferentes esportes amplia a experiência esportiva, mas traz marcas, lesões, que evidenciam a necessidade de buscar novos caminhos. Buscar a atividade mais adequada e prazerosa às condições de saúde do indivíduo, para melhorar, inclusive, o desempenho esportivo, foi o que ocorreu com o entrevistado 4:

> uma experiência nova e para mim tem sido muito diferente porque pratiquei vários esportes que trabalhavam muito com força, com resistência eram esportes de contato. Com o badminton eu aprendi a trabalhar com meus movimentos mais sutis. Eu achei que nunca fosse praticar badminton, mas acabou suprindo algo por conta das constantes lesões de outras modalidades em função das repetições, do equipamento ser mais pesado. Quando eu mudei para o badminton as minhas dores diminuíram, principalmente na parte de ombro e passei a render mais no esporte,

> tanto é que fui convocada duas vezes para seleção brasileira para participar do mundial ano passado e hoje sou líder do ranking nacional.

O projeto também serviu e ainda serve de reabilitação para alguns alunos que tinham dificuldades de continuar com as sessões de fisioterapia como o entrevistado 1 que "fazia fisioterapia, mas como tinha problema com o transporte não dei continuidade. Depois do projeto eu melhorei bastante através dos exercícios. Foi a minha reabilitação". O entrevistado 2 acredita que "o projeto me ajuda muito como reabilitação". Para o entrevistado 3 com o projeto passou a "fazer sozinho agora a transferência da cama para cadeira que tinha muita dificuldade antes". Já o entrevistado 4 teve "no esporte meu tratamento de reabilitação. O condicionamento que o esporte me deu foi diminuindo minhas dores e me fez sair do quadro de paciente para atleta".

Ambiente esportivo

Ao ser criado, o PPdSE foi divulgado de diversas formas, dentro e fora da Universidade, no entanto, todos os entrevistados chegaram ao projeto através de convite de outro participante, seja ele aluno ou professor, ou por intermédio de um familiar (tia), como foi o caso do entrevistado 6. Tal fato parece demonstrar a importância do incentivo e companhia de pessoas próximas para o início e manutenção da prática esportiva, ao mesmo tempo em que nos aponta as dificuldades encontradas por estas pessoas, principalmente em relação à locomoção, para se manter nas atividades que anseiam, como relatado por todos os entrevistados, com exceção do entrevistado 6, o qual não apresenta este tipo de dificuldade por utilizar transporte próprio.

O ambiente esportivo aflora diferentes sentimentos, como o medo, alegria, euforia e afirmação "foi uma experiência única que abriu as portas, é isso mesmo que eu quero para minha vida, não sei o que vai ser de mim sem o esporte. Deus me livre ficar sem" entrevistado 1 e "foi uma experiência ótima, estava muito ansiosa" entrevistado 2. A possibilidade de viajar, conhecer novos lugares, fazer novas amizades, "ter contato com outras pessoas com outras deficiências e com pessoas sem deficiência que entendem um pouco da gente" entrevistado 4, abre uma nova perspectiva de entender que "o meu limite não é apenas físico". Os entrevistados 1, 2, 3 e 6 nunca tinham participado de nenhuma competição esportiva tendo esta oportunidade através do PPdSE e do parabadminton. Em maio de 2015, a cidade de Aracaju sediou a 2ª etapa do campeonato nacional de parabadminton. Esta competição, que contou com cerca de 40 atletas, serviu de estímulo e incentivo para que os alunos do projeto vivenciassem a situação descrita pelo entrevistado 4.

Para os entrevistados 1, 2, 3 e 6, o PPdSE pode ser considerado um marco em suas vidas, já que nunca tinham praticado esporte antes ou não acreditavam mais ser possível praticar esporte. Os entrevistados 4 e 5 já possuem uma experiência diferenciada (20 anos) de contato com o ambiente esportivo e destacam sua importância no curso das suas vidas:

> o esporte me mostrou e ainda mostra o quanto eu posso, e até onde ele vai me levar, eu não sei (entrevistado 4);

> o esporte é vida, se não pratica, não anda, não caminha, você fica entrevado. O esporte é tudo. O esporte de competição traz um benefício maior à vida do ser humano, autoestima, qualidade de vida, amizades […] trouxe uma ênfase muito grande porque abriu um leque muito grande na minha vida (entrevistado 5).

A possibilidade de representar o país em competições internacionais traz um enorme orgulho e um sentimento de que a limitação realmente está na cabeça. O entrevistado 5 conheceu diferentes países "joguei na Rússia, em Angola, na Argentina e em vários países. Ouvir o hino brasileiro tocar ao conquistar a Copa América de futebol de amputado". Já o entrevistado 4 começou tarde no esporte, com 22 anos, mas já participou de competições regionais, estaduais e nacionais em diversas modalidades "iniciei com a hidroterapia, natação, basquete em cadeira de rodas, atletismo provas de pista (100, 200 e 400 metros), de campo (arremesso de peso, arremesso de disco) e de rua (provas de 5km, 10km e meia maratona). Só agora fui apresentada ao badminton".

Relações sociais

A dificuldade de lidar com a deficiência no dia a dia, tem no projeto um grande aliado, já que fazer parte dele "trouxe confiança e vejo as coisas de outra forma, foi muito importante mesmo" segundo o entrevistado 2. O entrevistado 1 relata que "hoje lido de uma maneira mais tranquila, as vezes me dá um certo desânimo, mas eu logo penso no que já conquistei e isso me coloca mais para cima". Para o entrevistado 3 "antes do esporte eu não saia muito de casa, não falava com ninguém. Tinha muita vergonha mas agora eu saio, falo com as pessoas, me sinto mais confiante e integrado". Este sentimento também é partilhado pelo entrevistado 1 que acredita que fazer parte do projeto "contribuiu para minha inclusão, para superar a minha timidez e me dar mais coragem". Ter hoje "a iniciativa de chegar para uma pessoa chamar e falar sobre o projeto" como relatado pelo entrevistado 2, aliado ao ganho de autonomia relatado pelo entrevistado 4 faz com o mesmo "se espelhe em outras pessoas e sirva também de estímulo para outras".

Acesso à tecnologia

Além do interesse e da vontade de conhecer novas possibilidades, Seron et al., (2015) afirma que, possuir um equipamento adequado pode ser determinante na escolha da modalidade esportiva. Esta barreira reflete a realidade vivenciada no projeto. O acesso à tecnologia (cadeira de rodas, material esportivo, órteses e próteses) está vinculado à situação financeira desses indivíduos, os quais, na maioria das vezes, não possuem recursos para a aquisição de equipamentos. No entanto, tal situação é amenizada pelo PPdSE, por possuir cadeiras esportivas específicas para a práticas esportivas, possibilitando uma prática com maior qualidade. Obviamente que cadeiras motorizadas, como relatado pelo entrevistado 2, facilitariam a mobilidade dentro das dependências da universidade, assim como ter um carro adaptado resolveria a principal barreira de acesso ao PPdSE, que é a locomoção. No caso do entrevistado 4, a tecnologia "auxilia na performance proporcionando maior estabilidade, minimizando as dores, oferecendo mais conforto, autonomia e melhor qualidade de vida".

No caso das próteses, o entrevistado 5 alerta que "a prótese contribuiu, mas tem que ser de qualidade. As pessoas não se preocupam em conhecer as necessidades e o tipo de prótese, o tipo de lesão, o que ele teve no coto, quais são as adaptações, o que ele pode fazer".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo deste estudo que foi descrever as contribuições / legados referentes à prática esportiva (1), ao processo de visibilidade social e inclusiva (2), a superação do corpo deficiente através de aparatos tecnológicos (3) e da inclusão pela renda (4) dos alunos participantes do PPdSE como uma forma de empoderamento percebemos pela resposta dos entrevistados que essa prática social contribui de forma significativa para o melhoramento da vida do sujeito. Afirmamos isso na medida em que o desenvolvimento humano de indivíduos está associado a boas condições de saúde, a certo nível de entendimento, condições financeiras para subsistência e boas relações sociais. A população com deficiência apresenta historicamente problemas de estar sempre à margem das políticas públicas de assistência dificultando sua participação de forma mais ativa na sociedade.

A partir dos depoimentos dos alunos participantes do PPdSE foi possível identificar as contribuições da prática esportiva, sendo um aspecto determinante para o processo de empoderamento dos indivíduos sendo considerado um legado social do esporte para as pessoas com deficiência.

Estas experiências são enriquecedoras e ratificam o potencial transformador do esporte, principalmente em se tratando de pessoas com limitações motoras, no caso específico do PPdSE, a maioria dos entrevistados só tiverem como atividade motora orientada, no último ano, a pratica esportiva, não tendo atividades de fisioterapia, etc.. O papel da universidade é tentar retornar à sociedade, um pouco do conhecimento produzido nos campos do ensino e da pesquisa. Desta forma, a extensão universitária, quando oferecida de forma séria, estruturada, com apoio institucional e envolvendo diferentes áreas do conhecimento (multi, interdisciplinar e transdisciplinar), podem nortear a mudança na vida das pessoas envolvidas direta e indiretamente com estes projetos.

O legado social do projeto extrapolou todas as expectativas ao possibilitar que pessoas antes segregadas pela sociedade e muitas vezes pela própria família hoje venham a público expor seus planos para o futuro, seja ele o de se tornar um atleta paraolímpico, participar dos Jogos Paralímpicos, se formar para ingressar no mercado de trabalho ou simplesmente pleitear um melhor horário para viabilizar sua participação no projeto com fins de melhoria da condição de saúde e socialização.

Fica o desejo de que cada vez mais estudos – ligados à pesquisa e extensão – venham se unir ao time do esporte adaptado a fim de vislumbrarmos melhores possibilidades na superação de uma cultura que ainda tem dificuldades de acolher o diferente. A particularidade da diferença não é um ordenamento de elementos identitários de dessemelhanças, mas sim o reconhecimento subjetivo e privado de que somos diferentes. Porém, em nível social pautados por elementos legais faz-se necessário um ordenamento moral para fazer valer a essência antropológica da igualdade humana. O esporte convencional e o esporte adaptado são provas reais desta tentativa.

Enquanto seres de sociedade temos o direito de sermos tratados de forma comum – comum não no sentido trivial e vulgar, mas em consonância com a "comum-unidade". Comum no sentido de "ser comum, ser diferente e ser respeitado como tal".

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P.F. Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. 140f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BÁRTOLO, J. Corpo e sentido: estudos intersemióticos. Covilhã: Livros LabCom, 2007.

CAMPEÃO, M.S. O esporte paraolímpico como instrumento para moralidade das práticas de saúde pública envolvendo pessoas com deficiência - uma abordagem a partir da bioética da proteção. 2011. 176f (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências / Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública / Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

CARMO, A. A. Atividade motora adaptada e inclusão escolar: caminhos que não se cruzam. In RODRIGUES, D. Atividade motora adaptada: a alegria do corpo, p.51-62. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

CIDADE, R.E.A.; FREITAS, P.S. Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.25, n.3, p. 46-56, maio de 2004.

DAVIS, L.J. Constructing normalcy. In: DAVIS, L.J. (Ed.). The disability studies reader. 3rd. New York: Routledge, 2010. p.3-19.

FOREST, M.; PEARPOINT, J. Inclusão: um panorama maior. *In:* MANTOAN, M.T.E. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, p.137-41, 1997.

GOELLNER, S.V.; SILVA, A.L.S. Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, E.S.; GOELNER, S.V. (orgs.) O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, p.187-210, 2012.

GONÇALVES, G.C.; ALBINO, B.S.; VAZ, A.F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Para-panamericano 2007. *In:* PIRES, G. De L. (org.) "Observando o Pan Rio/2007 na mídia". Florianópolis: Tribo da ilha, p.149-167, 2009.

GUMBRECHT, H. U. Elogio a beleza atlética. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: companhia da letras, 2007.

GUTIERREZ, L.M. Working with women of colour: An empowerment perspective. *Social Work*, 35, 149-153, 1990.

HAIACHI, M.C. O curso de vida do atleta com deficiência: a deficiência e o esporte como eventos marcantes. 2017. 240f. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HAIACHI, M.C.; KUMAKURA, R.S. Os jogos paraolímpicos e suas contradições. In: SOUZA, R.D.C.S.; ZOBOLI, F.*, et al* (Ed.). Educação Física Inclusiva: perspectivas para além da deficiência. São Cristóvão: Editora UFS,k 2013. p.251.

IBGE. Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE. 1-215 p. 2012.

LABRONICI, R.H.D.D.; CUNHA, M.C.B.; OLIVEIRA, A.S.B.; GABBAI, A.A. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. Arq Neuropsiquiatr, 58, n. 4, p. 8, 2000

LEGG, D.; EMES, C.; STEWART, D.; STEADWARD, R. Historical Overview of the Paralympics, Special Olympics and Deaflympics. Palaestra. 20 (1): 30–38, jan, 2004.

MARQUES, L. P. O professor de alunos com deficiência mental: concepções e prática pedagógica. Editora UFJF – 2001.

PENSGAARD, A.M.; SORENSEN, M. Empowerment through the sport context: a model to guide research for individuals with disability. Adapted Physical Activity Quarterly, 19, 48-67, 2002.

PEREIRA, S. O. Reabilitação de Pessoas com deficiência no SUS*:* Elementos para um debate sobre integralidade. 113f. Dissertação (Mestrado) Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2009.

SASSAKI, R.K. Inclusão: Construindo uma sociedade para todos. – Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SANTOS, B.S. Produzir para viver: Os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SÉRGIO, M. Algumas teses sobre o desporto. 2 ed. Lisboa: Editora Compendium, 2003.

SERON, B. B.; DE ARRUDA, G. A.; GREGUOL, M. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015.

SILVA, T. T. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. *In*: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.;_____ . (Org) Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-15, 2009.

SKLIAR, C. A inclusão é "nossa" e a diferença é do "outro". In RODRIGUES, D. Educação e inclusão: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

TRINDADE, A.L. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. *In*: GARCIA, L.G. (org.). O corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP&A Editora, p.65-88, 2002.

TRIVIÑO, J. L. P. Deportistas tecnologicamente modificados y los desafios al deporte. Revista de bioética e derecho. N. 24. P. 3-19. Enero 2012.

VARELA, A. Desporto para as pessoas com deficiência. Revista Educação Especial e Reabilitação, Lisboa – Portugal, v. 1, n. 5/6, jun. 1989.

MINIBIOGRAFIA



Marcelo de Castro Haiachi (haiachi@ufs.br)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9361-9018

Doutor em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017), Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco (2007), Especialista em Desportos de Quadra, modalidade Voleibol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006), Especialista Gestão: Administração e Marketing pela Faculdades Integradas Maria Thereza (2004) e Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999). Atualmente é: Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe ministrando as disciplinas Atividade Física Adaptada, Metodologia do Voleibol e Tópicos Especiais em Educação Física e Saúde - Esportes de Raquete; Coordenador do Projeto Paradesportivo de Sergipe - PPdSE; Coordenador de seleções da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes (CBVD); Membro da Núcleo de Ciências do Esporte (NCE) da Confederação Brasileira de Badminton; Membro honorário do Instituto de Investigação Olímpica pertencente à Academia Olímpica Mexicana / Comité Olímpico Mexicano; Membro pesquisador do Centro de Estudos Olímpicos e Paraolímpicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - CEO / UFRGS (Linha de pesquisa em Gestão e Política de Esporte); do Projeto Esporte Brasil - PROESP (Linha de pesquisa em Exercício Físico para Grupos Especiais); do Centro de Pesquisas em Políticas Públicas de Educação Física, Esporte, Lazer e Esportes Adaptados do Estado de Sergipe - SCENARIOS; do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer de Sergipe - CDPPEL da Rede CEDES; Pesquisador colaborador do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012) financiado pelo CNPq; Pesquisador Associado (Associate Research Fellow) do Grupo de Estudo em Eventos e Mega Eventos da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro registado no CNPq (2014); Bolsista da União Europeia pelo Projeto CARNiVAL da Coventry University (Reino Unido) em 2014; Bolsista do Projeto Referências para o Desenvolvimento do Plano Nacional de Esportes de Alto Rendimento no Brasil - UFRGS de 2014 - 2016; Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Física e Esportes Adaptados - GPEFEA / UFRRJ (Linha de pesquisa em Educação Física Inclusiva e Esportes Adaptados para alunos com deficiência no ensino fundamental e médio). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq/7611082358198683



Roberta Santos Kumakura (kumakura.roberta@gmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6430-9897

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Ciências da Saúde na Universidade Federal de Sergipe (2012); Especialista em Ciências da Performance Humana em Academias pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2003); Graduada em Licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2002) e em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (2006). Pesquisadora associada (Associate Research Fellow) do Grupo de Estudo em Eventos e Mega Eventos da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, registrada no CNPq e Bolsista da União Europeia pelo Projeto CARNiVAL da Coventry University (Reino Unido). Foi Assessora Técnica da Ginástica Artística Feminina na Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (2009); Árbitra Nacional de Ginástica Artística pela Confederação Brasileira de Ginástica (2009 - 2012) e Coordenadora Técnica da Ginástica Artística Feminina da Federação Sergipana de Ginástica (2010-2012). Trabalhou no Instituto Helena Antipoff - Centro de Referência na

Educação Especial do Município do Rio de Janeiro (2007-2009) como Professora de Ginástica Artística para Pessoas com Deficiência; na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (2003-2009) como Professora concursada; na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro como Professora concursada (2007-2009) e no Instituto Dom Fernando Gomes como Professora de Ginástica Artística da educação infantil ao ensino médio, como técnica das equipes pré-infantil, infantil e juvenil de ginástica artística (2009-2013) e como coordenadora de esportes da educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental (2010-2014). Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física especial e em Ginástica Artística, atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão, excelência esportiva, educação física escolar e ginástica artística. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2791712676184128.



Fabio Zoboli (zobolito@gmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5520-5773

Pós doutorando em "Educação do corpo" pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP) – Argentina. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS. Membro do grupo de pesquisa "Corpo e política". Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0682121655932961.



Ailton Fernando Santana de Oliveira (ailtonufs@gmail.com)
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2894-3556

Doutor em Educação, pela Universidade Federal da Bahia (2013), na área de Políticas Públicas de Esporte, com a tese: Diagnóstico Esportivo no Brasil: desenvolvendo Métodos e Técnicas. É Mestre em Educação Física, com dissertação sobre Gestão do Conhecimento para coleta de dados sobre Esporte e Lazer, pela Universidade Gama Filho (2007). Possui especialização em Treinamento de Alto Rendimento (1987) e Educação Física e Cultura (2004) ambas pela Universidade Gama Filho. Graduado em Licenciatura de 1º Grau em Ciências (1984 e graduação em Educação Física Licenciatura (1986), ambas pela Universidade Federal de Sergipe. É professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe, ministrando aulas no Curso de Educação Física. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física, esporte, lazer, políticas públicas e diagnóstico para o esporte e lazer, esporte adaptado e olimpismo, tendo publicado vários capítulos, artigos e livros sobre essas temáticas, bem como, ministrado palestras no Brasil, Europa (Portugal, Inglaterra, Itália). Foi Coordenador Executivo da pesquisa Diagnóstico Nacional do Esporte, encomenda do Ministério do esporte, financiada pela FINEP até março de 2015, envolvendo seis Universidades Federais Brasileiras (UFRGS, UFBA, UFRJ, UFG, UFAM, UFS), tendo sido também membro do Comitê gestor da pesquisa, indicado pelo Ministério do Esporte. Atualmente é coordenador do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer do Estado de Sergipe, ligado a Rede Cedes, do Ministério do Esporte e Líder do grupo de pesquisa SCENARIOS - Centro de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação Física, Esporte, Lazer, e Esporte Adaptados do Estado de Sergipe. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8529499782227518.